



A educação em agroecologia em meio as disputas de classe na universidade brasileira.

Education in agroecology amid class disputes in the brazilian university.

TROILO, Gabriel¹; BOGO, Maria Nalva Araujo²

¹ Escola Família Agrícola do Sertão, gabriel.ogabiru@gmail.com; ² Universidade do Estado da Bahia, nalvaraujo@hotmail.com

Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar um recorte de uma pesquisa de mestrado que avaliou os desafios e contradições gerados pelo processo de construção da educação em agroecologia na universidade brasileira. As reflexões apresentadas neste ensaio, portanto, são fruto dos resultados desenvolvidos nesta pesquisa, onde constatou-se que a inserção da agroecologia no ensino superior gerou e gera tensionamentos na universidade entre a parcela da academia que tende a direcionar a formação para adaptar-se à lógica de mercado, conquanto o ensino seja conformado à uma tendência tecnicista e empreendedora da lógica predominante no modelo atual de ensino superior de ciências agrárias; e os que buscam realizar uma formação mais humana e crítica capaz de produzir o conhecimento e formar os profissionais necessários à transição agroecológica dos sistemas produtivos e à transformação das condições de desenvolvimento do campo.

Palavras-chave: Ensino Superior; Luta de Classes; Conhecimento em Agroecologia.

Keywords: Higher education; Class struggle; Knowledge in Agroecology.

Introdução

A agroecologia é uma ciência jovem a adentrar a academia, a ocupar os espaços de ensino, pesquisa, extensão e produção de conhecimento na universidade brasileira. Ela se constitui como ciência de uma produção agropecuária sustentável, que tenha possibilidade de se adequar à capacidade suporte dos ecossistemas e garantir a demanda de alimentos para o sustento da sociedade. A bem da verdade a agroecologia tornou-se uma importante ciência da produção da terra, desenvolvendo os saberes históricos, o patrimônio genético e o manejo da natureza de maneira racional, para uma agricultura que não necessite de aportes de insumos externos ao ambiente produtivo (ALTIERI, 2012; TOLEDO & BARRERA BASSOLS, 2015). Além de tudo ela se compõe como projeto central de luta de movimentos sociais do campo na construção de um modelo de agricultura contra-hegemônico ao modelo convencional.

Como ciência de um modelo contra-hegemônico de agricultura, a agroecologia, além do desafio de promover o processo de transição agroecológica da produção agropecuária, precisa se compor como proposta legítima e viável de desenvolvimento do campo, seja no meio acadêmico-científico, seja no meio socioeconômico e produtivo. Sendo assim a agroecologia reflete um projeto de campo e de sociedade, tendo que se constituir na dinâmica de funcionamento do modo de produção capitalista. E, assim como outras formas de ação contra-



hegemônica (GRAMSCI, 2001), seu movimento se dá pela contradição, ou seja, a agroecologia avança tanto em espaços de resistência à lógica da economia capitalista, quanto se adequa à esta lógica, criando novos nichos de mercado. A hipótese de que parte esta investigação é que a educação em agroecologia ao avançar para o interior da universidade gera tensionamentos e enfrenta desafios para sua consolidação neste meio, por se compor como ciência contra-hegemônica à ciência agrônoma e por exigir do ensino superior um comprometimento formativo e epistemológico que está para além das estruturas arraigadas de ensino e pesquisa da universidade. Ela enfrenta as estruturas de poder de uma universidade moldada pelas diretrizes do mercado dentro de um modelo tecnicista e operacional, como nos revela Chauí (2017). Ao ocupar este território de poder do mercado que é a universidade, a agroecologia produz conflitos, que neste ensaio reconhecemos como sendo conflitos de classe, e que expõem as contradições presentes na formação superior em nosso país.

O objetivo deste trabalho, é apresentar os resultados de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe (UNESP/ Escola Nacional Florestan Fernandes/ Via Campesina) explicitando os tensionamentos produzidos pelo avanço da agroecologia no ensino superior, e gerar a compreensão sobre como tais tensionamentos podem ser encarados no âmbito da luta de classes na universidade brasileira.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso onde investigou-se as primeiras propostas de formação em agroecologia construídas em universidades brasileiras: o Curso de Tecnologia em Agroecologia da Escola Latino Americana de Agroecologia, no assentamento Contestado, Lapa, Paraná, projeto implementado pelo Movimento Sem Terra em articulação com a articulação internacional La Via Campesina; e o Curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal de São Carlos, campus de Araras, projeto implementado por um conjunto de docentes da área de agrárias da própria universidade. Analisou-se o processo de construção dos cursos, o currículo, e os desafios da implementação dos mesmos. A pesquisa utilizou como instrumentos para a coleta dos dados a pesquisa documental, a observação e a entrevista semiestruturada. Quanto a pesquisa documental consultou-se os projetos político-pedagógicos cedidos pela coordenação dos cursos; a observação realizou-se através de visitas às escolas e diálogos com estudantes e professores; e a entrevista foi realizada com docentes responsáveis pela construção e desenvolvimento inicial dos cursos.

Resultados e Discussão

Os resultados do estudo de caso realizado nos revelam um conjunto de condições, desafios e contradições no processo de construção da educação superior em



agroecologia no Brasil. Uma constatação inicial importante que foi evidenciada na pesquisa é que construção da educação em agroecologia tanto em nosso país quanto no continente latino-americano tornou-se uma demanda política firmada em compromisso por movimentos camponeses de todo o continente, integrados à articulação internacional La Via Campesina. Neste processo foi instituído o projeto de construção dos Institutos de Agroecologia Latino-americanos, os IALAs, uma articulação que mantém a formação de jovens em graduação em agroecologia no continente. O primeiro IALA foi construído em nosso país: a Escola Latino Americana de Agroecologia, articulada pelo MST no Paraná.

O curso de Tecnologia em Agroecologia da ELAA surgiu como proposta pioneira de graduação em agroecologia na universidade brasileira, e desde o início enfrentou um conjunto de problemas para sua implantação. Por meio da entrevista realizada constatamos que a formação foi construída de fora para dentro da universidade, de início pelo setor de educação do MST, elaborando o projeto político pedagógico do curso, a partir de experiências do movimento em educação técnica em agroecologia, e passando a articular formas de implementá-lo por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. Tal processo revelou um enfrentamento bastante desgastante junto ao Estado, tanto para conseguir viabilizar recursos quanto para legitimar a proposta formativa. De toda forma o MST garantiu que o curso funcionasse independente destes processos, viabilizando as condições estruturais e pedagógicas para tanto, e lutando ao longo de vários anos para garantir que os recursos do PRONERA viessem e que o curso fosse regularizado, o que ocorreu somente após quatro anos, quando a primeira turma estava para concluir. Este processo acaba por gerar um conjunto de limitações, pois ao estruturar o curso por meio de um programa de governo não se tem a garantia da continuidade do mesmo, pois pelo PRONERA há projetos de curso para uma formação só, além do que a dinâmica de funcionamento do projeto não garante que haja educadores permanentes, que possam trabalhar de forma integrada, pois a contratação pelo projeto somente é feita para aplicação de uma disciplina. Limitações estas que a coordenação do curso e o MST conseguiu contornar, formando uma rede de educadores que se solidarizam com as causas políticas do movimento e passaram a atuar voluntariamente no curso; e pela estruturação de uma disciplina voltada para o diálogo de saberes, que integrou toda a estrutura pedagógica do curso. Por estas características, e pela estrutura formativa expressa no PPP e colocada em prática na formação, o curso de tecnologia em agroecologia da ELAA se desenvolve como forma de resistência popular camponesa na formação superior. A estrutura formativa coloca os estudantes, que são oriundos do campo, para refletir sobre as demandas das comunidades camponesas para o avanço da transição agroecológica da produção e do desenvolvimento político da agroecologia enquanto projeto de campo. Pelo projeto do curso espera-se formar um agroecólogo que se faça técnico-educador-militante, que tenha a capacidade de efetivamente gerar as transformações necessárias no campo, no enfrentamento do agronegócio e na consolidação do modelo agroecológico em amplitude.



O Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal de São Carlos foi estruturado a partir do trabalho de docentes da área de Ciências Agrárias que já trabalhavam para desenvolver a ciência e a formação agroecológica dentro da academia, através de grupos de estudos, pesquisa, extensão e disciplinas específicas em cursos de Agronomia. Foi no contexto do REUNE, com a abertura à ampliação dos cursos de graduação nas universidades brasileiras, que foi possível criar o projeto e implementar o curso. O PPP foi estruturado com base em um curso inicial de formação técnica em agroecologia pelo PRONERA em período anterior, e com estrutura formativa que estava na contramão das formações convencionais das ciências agrárias, pois as disciplinas iniciais provocavam uma formação para reflexão crítica e política sobre a sociedade e o campo, e as disciplinas especializadas iam se desenvolvendo posteriormente. Pela proposta projetava-se formar um agroecólogo com qualidade técnica para promover a transição agroecológica e ao mesmo tempo promover pesquisa e extensão na área, junto às comunidades rurais. Pela investigação realizada tornou-se claro que a elaboração da proposta teve um investimento bastante promissor, e o projeto tornou-se referência para formação superior em agroecologia. Mas a implementação do curso enfrentou um conjunto de desafios e limitações impostas pela estrutura da universidade, como professores que assumiram cadeiras nas disciplinas do curso, por meio de concurso público, e que não tinham capacitação para atuar no ensino de agroecologia, por terem formação na agronomia tradicional, ou mesmo docentes com posição político-ideológica contrária à agroecologia e que passaram liquidar o currículo do curso, colocando em prática uma formação que não condizia com o projeto das disciplinas que assumiam. Uma contradição que perpassa até a atualidade este e muitos cursos de agroecologia em universidades, construídos dentro da estrutura das mesmas, e que acaba conformando as formações em agroecologia na lógica imposta pela universidade, de voltar-se para o mercado. De todo modo há formas de resistência por parte da equipe docente que leciona no curso, por projetos de pesquisa e por grupos de estudantes, que passam a cumprir de forma paralela as demandas que as disciplinas aparelhadas por estes professores não cumprem, um enfrentamento permanente na universidade.

Tornou-se claro por este estudo que a educação em agroecologia se coloca em posição de enfrentamento das estruturas dominantes de classe presentes na universidade. Ela gera tensionamentos que por vezes podem surtir em avanços não só para a formação em agroecologia, mas para o conjunto da universidade, no sentido de se questionar e transformar sua lógica de ensino e produção de conhecimento, conquanto as demandas populares vão se fazendo presentes e ocupando estes espaços. Mas em muito estes tensionamentos acabam surtindo em retrocessos, como ficou claro no estudo promovido, com os limites e contradições gerados e que podem resultar em uma reafirmação da lógica dominante da universidade, levando as formações construídas pelas classes populares, como é o caso da agroecologia, à adaptar-se à lógica de mercado, conquanto o ensino seja conformado à uma tendência tecnicista, empreendedora e competitiva presente no ensino superior. Quando não enfrenta diretamente as estruturas de poder consubstanciadas na lógica de funcionamento do ensino superior, tentando



transformá-las por dentro como o exemplo do curso da UFSCAR, acabam ficando reféns do Estado para se realizarem, por estarem na marginalidade do sistema educativo público, como as propostas dos movimentos sociais.

Conclusões

A agroecologia emerge como ciência contra-hegemônica em uma universidade preñe de conhecimento crítico, que tenha lastro na realidade e se faça comprometido com a transformação social. Ela gera tensões por exigir da universidade o “sopro criador” que Mariátegui (2012) nos revela ao refletir sobre o verdadeiro papel desta instituição, de se fazer um ambiente fecundo de ideias avançadas, renovadoras e que se mantenha viva diante dos desafios do nosso tempo histórico. A educação superior em agroecologia é a expressão destes desafios, da necessidade de renovar, de reestruturar por inteiro as relações da sociedade com a natureza, que na forma atual tem tanto nos ameaçado. Mesmo frente às contradições encontradas por esta investigação, é preciso levar em conta que ao longo da última década assistimos à ascensão de uma ciência que mal era conhecida na universidade, no meio profissional e no campo, e que hoje se estrutura e maneira consolidada em todos os espaços sociais. O esforço histórico dos movimentos sociais ligados à Via Campesina, e de docentes e estudantes das universidades, na criação das primeiras experiências de educação técnica e superior em agroecologia de nosso país, são processos que representam um dos maiores tensionamentos de classe promovidos pela classe trabalhadora do campo no período recente, e que gerou e vem gerando importantes transformações na realidade do campo brasileiro.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **A universidade operacional**. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_1_3.htm>. Acesso em 22 de fev. de 2017

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere. V. 2: Os intelectuais e o princípio educativo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MARIATEGUI, José Carlos. **A crise da universidade: crise de professores e crise de ideias**. In: NOVAES, Henrique T. Reatando um fio interrompido: a reação universidade-movimentos sociais na América Latina. São Paulo: Expressão Popular. 1ª ed. 2012.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



TOLEDO, Víctor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.